

Teosofiano Tibete: Os ensinamentos da Escola Jonangpa

Por David Reigle

Cerca de sete séculos atrás, surgiu no Tibete uma escola de ensinamentos com muitos paralelos com a Teosofia. Assim como a Teosofia tentou restaurar os ensinamentos da “religião universalmente difundida pelo mundo antigo e pré-histórico”,¹ essa escola buscou reestabelecer os ensinamentos da Era de Ouro. Assim como a Teosofia ensina como sua primeira proposição “um princípio imutável, eterno, ilimitado e onipresente sobre o qual todo tipo de especulação é impossível, visto que transcende o poder do pensamento humano”,² a escola Jonang ensina um princípio que é permanente, estável, quiescente e eterno, vazio de tudo exceto de si próprio, ou “Vazio de outro” (*gzhan stong/shentong*), e, que, transcende até mesmo as conceituações mais sutis. E, assim como a Teosofia, foi uma escola perseguida pela ortodoxia.

Uma Doutrina Secreta

Os ensinamentos da Escola Jonangpa se originam de Yumo Mikyo Dorje (*yu mo mi bskyod rdo rje*), um yogue do século XI. Ele foi discípulo de Somanātha, o pandit versado em sânscrito e mestre Kālacakra de Kashmir, que traduziu o grande comentário ao Kālacakra, *Vimalaprabhā* para o tibetano. Yumo teria recebido os ensinamentos Jonangpa ao praticar as Seis Yogas Kālacakra no Monte Kailasa, no Tibete ocidental. Os ensinamentos Jonangpa incluem primordialmente a transmissão Kālacakra e a doutrina do “Vazio de outro” ou Shentong (*gzhan stong*). Yumo expôs esses ensinamentos como uma “doutrina secreta” (*lkog pa'i chos*). No entanto, ele não colocou esses ensinamentos em escrito, então, não temos uma obra chamada *A Doutrina Secreta*, como a de H.P. Blavatsky. A tarefa de colocar os ensinamentos por escrito coube a um sucessor, Dolpopa.

A Doutrina do Coração

Esses ensinamentos foram passados oralmente para Dolpopa (1292-1361) que colocou em escrito a visão Shentong (“Vazio de outro”) em seu livro mais famoso, *A Montanha do Dharma—O Oceano de Significado Definitivo* (*ri chos nges don rgya mtsho*). Esses ensinamentos são referidos como a “doutrina do coração” (*snying po'i don*). Dolpopa descreve o livro como a “Lâmpada da Doutrina do Coração.”

Sobre a doutrina do coração, H. P. Blavatsky afirma em *A Doutrina Secreta*:

Para qualquer estudante do Esoterismo Budista, o termo, “o Mistério do Olho,” mostra a ausência de qualquer caráter esotérico. Se a palavra “Coração” estivesse no lugar da palavra “Olho”, então, significaria aquilo que agora apenas prega transmitir. A “Doutrina do Olho” significa dogma e afirma da letra morta, o ritualismo da igreja voltado para aqueles que se contentam com as fórmulas exotéricas. A “Doutrina do Coração” ou o “Selo do Coração” (o Sin Yin) é a única real.

A Tradição da Era de Ouro

¹ H.P. Blavatsky. *The Secret Doctrine*, p.34. Theosophical Publishing House.

² *The Secret Doctrine*, Vol 1, p.14.

Dolpopa escreveu outro livro famoso, *O Quarto Concílio (bka' bsdus bzhi pa)*, que estabelece uma relação entre as quatro yugas [eras] e o declínio da doutrina. Na Era de Ouro (*Kṛta Yuga*), os ensinamentos do cânone sagrado budista foram entendidos corretamente, mas esse entendimento gradualmente se perdeu com a chegada da segunda era, da terceira era e da era das trevas. Sendo assim, muitos escritores budistas dessas eras posteriores, que não tinham mais o verdadeiro entendimento, escreveram comentários que não explicam os ensinamentos corretamente. É o propósito de Dolpopa restaurar o entendimento conforme a Era de Ouro. Ele se refere aos ensinamentos Jonangpa como a “Tradição da Era de Ouro” (*rdzogs ldan lugs*). No artigo teosófico, intitulado *Ensinamentos Tibetanos (Tibetan Teachings)*, publicado na coletânea de escritos de Blavatsky (*Collected Writings*), o correspondente tibetano de H.P. Blavatsky concorda que o cânone budista tibetano tem um significado duplo e que muitos comentadores budistas não entenderam o seu verdadeiro significado:

Sem dúvida que as escrituras chinesas e tibetanas, assim chamadas, os textos padrão da China e do Japão, alguns destes, escritos por nossos estudiosos mais eruditos, muitos dos quais — não iniciados, embora sinceros e devotos — comentaram sobre aquilo que nunca entenderam corretamente, contêm um amontoado de material mitológico e lendário mais conveniente para o folclore infantil do que uma exposição da Religião Sabedoria como ensinada pelo Salvador do Mundo. Mas nada disso deve ser encontrado no cânone; . . . [os textos canônicos] não contêm ficção, mas apenas informações para futuras gerações, que possam, a seu tempo, obter a chave para o seu correto entendimento.

Nota: Os livros de Dolpopa foram banidos no século 17 e se tornaram extremamente raros. Na década de 1970 e 1980, alguns de seus livros foram localizados e reeditados. Em 1990, Matthew Kapstein esteve no extremo leste do Tibete, atual China Ocidental, onde alguns mosteiros Jonang sobreviveram e obteve para a Biblioteca do Congresso dos EUA, um conjunto completo das obras de Dolpopa, as quais foram reeditadas em Delhi em 1992.

Os Ensinamentos Jonangpa: Kālacakra e Maitreya

Os ensinamentos Jonangpa são baseados primeiramente no Kālacakra e nos tratados de Maitreya. Apresento, em outros artigos, evidências que ligam o “Livro de Dzyan”, em que *A Doutrina Secreta* se baseia ao *Mūla Kālacakra Tantra* perdido. Uma importante passagem de uma carta de H.P. Blavatsky para A.P. Sinnett também estabelece conexões entre o Livro de Dzyan e os textos de Maitreya:

Concluí um enorme Capítulo Introdutório, ou *Preâmbulo*, Prólogo, chame-o como quiser, apenas para mostrar ao leitor que o texto [da *Doutrina Secreta*] como está, cada seção começando com uma página da tradução do Livro de Dzyan e do Livro Secreto de “Maitreya Buddha” *Champai chhos Nga* (em prosa, não os cinco livros em verso conhecidos, que formam uma coletânea) não se trata de uma ficção.

Blavatsky aqui se refere a um livro secreto de Maitreya além dos cinco livros conhecidos. É importante observar que da Índia para o Tibete vieram duas escolas de interpretação dos tratados de Maitreya:

Uma escola doutrinal ou analítica cuja exegese textual ainda é atual e uma escola prática ou meditativa que se pensa ter desaparecido muitos séculos atrás. De acordo com

Leonard van der Kuijp³, essa escola não morreu, mas se tornou a base dos ensinamentos Jonangpa:

Portanto, futuras pesquisas podem indicar duas coisas. Em primeiro lugar, o foco da Jonang e da “Grande Madhyamaka deriva da escola prática que surgiu em torno dos ensinamentos de Maitreya[nātha]. No devido tempo, outros textos que expressam ensinamentos semelhantes, ou que foram interpretados como tendo ideias semelhantes, foram acrescentados ao corpus original de textos em que essa tradição se baseia. Em segundo lugar, é possível mostrar que os esforços de Dolpopa se caracterizam como uma tentativa de dar uma nova roupagem à ‘Escola Meditativa’ de acordo com a metodologia normativa da ‘Escola Analítica’.

O livro específico de Maitreya em que o ensinamento fundamental Jonangpa, a visão Shentong ou o Vazio de outro, se baseia é o *Ratnagotravibhāga*, também chamado de *Uttaratantra*. Este livro contém uma síntese do *Tathāgatagarbha* ou doutrina da Natureza-Buddha. A doutrina *Tathāgatagarbha* acerca de uma Natureza-Buddha universal, presente em todas as pessoas⁴, é tão diferente de outros ensinamentos budistas que os estudiosos budistas não concordam em como classificá-la. No Tibete, alguns comentaristas consideravam-na um ensinamento Madhyamaka e outros um ensinamento Yogācāra, embora não se encaixasse bem em nenhuma categoria. Um antigo estudioso chinês, Fa-tsang (643-712), coloca esses ensinamentos além das três categorias aceitas de Hinayāna, Madhyamaka e Yogācāra.⁵ De forma análoga, H. P. Blavatsky, em *A Doutrina Secreta*, fala de uma sétima escola de filosofia indiana (*darśana*) além das seis escolas normalmente reconhecidas, a escola esotérica:

Esta é a visão de cada uma das seis grandes escolas da filosofia indiana —os *seis princípios daquele corpo unitário de Sabedoria do qual a ‘gnosis’ é o conhecimento Escondido, o sétimo.*

Os Sete Grandes Mistérios

O Mahatma teosófico conhecido pelas iniciais K.H. fala de sete grandes mistérios da metafísica budista:⁶

Em relação a isso, permita-me dizer-lhe o seguinte, já que demonstra tanto interesse nesse assunto, não há nada melhor a fazer do que estudar as duas doutrinas – do Karma e Nirvana – tão profundamente quanto puder. A não ser que esteja muito bem familiarizado com essas duas doutrinas – a chave dupla para a metafísica do Abhidharma – você estará sempre à deriva tentando compreender o resto. Temos diversos tipos de Karma e Nirvana em suas várias aplicações – ao Universo, ao mundo, aos Devas, aos Buddhas, aos Bodhisattvas, aos homens e aos animais – o segundo inclui os sete reinos. Karma e Nirvana são apenas dois dos sete grandes MISTÉRIOS da metafísica Budista; e apenas quatro dos sete são conhecidos aos melhores orientalistas, e de forma muito imperfeita.

O *Ratnagotravibhāga de Maitreya*, fonte da doutrina *Tathāgatagarbha* ou Natureza-Buddha, começa listando sete tópicos-vajra. Vajra significa diamante; e a analogia é fornecida no

³ Contributions to the Development of Tibetan Buddhist Epistemology. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1983, p.44

⁴ N.T (Nota do Tradutor): Presente em todos os seres, não apenas em pessoas.

⁵ Ver *Awakening of Faith*, New York & London: Cambridge University Press, 1967, p.14

⁶ *The Mahatmas Letters to A.P.. Sinnett*. Third edition. Adyar, Madras: Theosophical Publishing House, 1962, p.107.

comentário de Asanga⁷: assim como um diamante, que é difícil de penetrar, esses tópicos são de difícil compreensão. Portanto, podem ser chamados de mistérios. Abaixo o verso inicial:

1. Buddha, doutrina (*dharma*), comunidade (*gaṇa = sangha*), elemento (*dhātu*), iluminação (*bodhi = nirvana*), qualidades virtuosas (*guna*), e, por fim, ação búdica (*karma*); esses sete tópicos tais quais diamantes (*vajra-pada*), constituem, em resumo, o corpo de todo o texto.

[nota: *Dhātu* talvez seja o termo chave no *Ratnagotravibhāga*. O seu significado básico é “Elemento”, também “o Germe (do Budado)”, “a Essência [de Buddha]”, “Natureza-Buddha”. Cada um dos sete *vajra-padas* tem um aspecto convencional (*saṃvṛti*) e um aspecto último (*paramārtha*). *Dhātu* quando obscurecido é chamado de *Tathāgatagarbha*; quando não obscurecido é chamado de *Dharmakāya*.]

Esse texto apresenta os sete tópicos-vajra do ponto de vista da sabedoria não-dual (*jñāna*). Em outras palavras, fornece-os numa forma que não é muito acessível para a mente. Portanto, os leitores não devem esperar encontrar os sete grandes mistérios expostos de forma clara neste texto. Pois como H. P. Blavatsky diz em relação a uma das estâncias que ela traduziu do *Livro de Dzyan* no volume 1 de *A Doutrina Secreta*:

A sua linguagem é compreensível somente àquele que é completamente versado em alegoria oriental e sua fraseologia propositadamente obscura.

Porém, alguns desses sete tópicos, tais como Karma, são expostos numa forma que é mais acessível para a mente (isto é, do ponto de vista de *prajñā*) numa obra que faz parte do currículo monástico padrão, o *Abhidharmakośa* de Vasubandhu.

O Elemento Uno

O termo chave no *Ratnagotravibhāga* é *dhātu*, ou elemento. É descrito no seguinte verso como:

80. É não-nascido, não morre, é não-afligido, e não envelhece, pois é permanente (*nitya/rtag-pa*), estável (*dhruva/brtan-pa*), quiescente (*śiva/zhi-ba*), e eterno (*śāśvata/g.yung-drung*).
—*Ratnagotravibhāga* ou *Uttaratantra*, por Maitreya, verso 80⁸

Conforme observado anteriormente, este elemento uno, *dhātu*, pode ser chamado de *Tathāgatagarbha* ou Natureza-Buddha quando obscurecido e *Dharmakāya* ou corpo/veste da lei quando não obscurecido.

O elemento uno também é um conceito fundamental nos ensinamentos teosóficos assim expostos nas cartas dos Mahatmas⁹:

Entretanto, você deve ter em mente (*a*) que reconhecemos apenas *um* elemento na Natureza (seja espiritual ou física) fora do qual não pode haver Natureza posto que é a própria *Natureza*, e que, assim como o *Akasa* permeia todo o sistema solar, cada átomo sendo parte do próprio, permeia o espaço e é, em realidade, o espaço, ... (*b*) que, conseqüentemente, espírito e matéria são

⁷ Ver: “The Sublime Science of the Great Vehicle to Salvation,” by E. Obermiller, *Uttaratantra* or *Ratnagotravibhag*, Talent, Oregon: Canon Publications, 1984; p. 111

⁸ The Sublime Science of the Great Vehicle to Salvation,” by E. Obermiller, *Uttaratantra* or *Ratnagotravibhag*, Talent, Oregon: Canon Publications

⁹ *The Mahatmas Letters to A.P.. Sinnett*. Third edition. Adyar, Madras: Theosophical Publishing House, 1962

um, sendo ~~apenas~~ uma diferenciação de estados, não *essências*, . . . (c) que as nossas noções de “matéria cósmica” são diametralmente opostas àquelas da ciência Ocidental. Se, por ventura, lembrar-se disso, teremos sucesso em transmitir-lhe pelo menos os axiomas elementares da nossa filosofia esotérica mais corretamente do que até agora.

Sim, como descrito em minha carta — há apenas um elemento uno e é impossível compreender o nosso sistema antes que a ideia correta acerca disso esteja fixada em sua mente. Você deve, portanto, me perdoar se insisto nesse assunto mais do que parece necessário. Mas a não ser que este fato fundamental seja firmemente compreendido, o resto parecerá ininteligível. Este elemento, então, é — em termos metafísicos — um substrato ou a causa permanente do universo fenomênico.

Diremos que assim é, e assim estará sempre demonstrado, como o movimento permeia tudo e o descanso absoluto é inconcebível, que sob qualquer forma ou *máscara* em que o movimento possa aparecer, seja como luz, calor, magnetismo, afinidade química ou eletricidade — todas essas devem ser apenas fases da mesma Força Onipotente e Una, um Proteus que veneram como o Grande “Desconhecido” (ver Herbert Spencer) e que simplesmente chamamos de “Vida Una,” a “Lei Una” e o “Elemento Uno.”

Esses três epítetos, a “Vida Una,” a “Lei Una,” e o “Elemento Uno,” correspondem bem aos termos do *Ratnagotravibhāga: Tathāgatagarbha, Dharmakāya, e dhātu*, respectivamente.

A Crítica de Tsongkhapa aos Ensinos Jonangpa

O ensinamento Jonangpa de um dhātu estável, quiescente e eterno ou *Tathāgatagarbha* ou *Dharmakāya*, “Vazio de outro” (*gzhan stong*) e, portanto, além do alcance do pensamento, foi aparentemente criticado por Tsongkhapa, fundador da escola Gelugpa ou escola dos “gorros amarelos”. Um dos livros mais conhecidos de Tsongkhapa é o *Legs bshad snying po*, ou *Essência da Verdadeira Eloquência*, que ele escreveu após a sua experiência de iluminação mais elevada, sendo, considerado, então, a obra contendo os seus insights finais. Embora nunca mencione nomes, o objeto da crítica identificado pela exegese Gelugpa é Dolpopa e os ensinamentos Jonangpa. Tsongkhapa, 1357-1419, viveu pouco tempo após Dolpopa, 1292-1361.

Essa crítica é de grande importância para teosofistas, visto que Dolpopa aparentemente ensina a primeira proposição fundamental de *A Doutrina Secreta*, e Tsongkhapa aparentemente a refuta; entretanto, Tsongkhapa é considerado por teosofistas como o reformador do budismo tibetano, tanto o esotérico, quanto o exotérico, e como o fundador da escola *Gelukpa* (“gorros amarelos”), e da Fraternidade mística conectada aos seus chefes, o fundador da Escola secreta próxima de Shigatse, ligada ao retiro privado do Teshu-Lama¹⁰.

Em relação a essa questão, podemos comparar os comentários de um teosofista brâmane sobre uma situação análoga com Gautama Buddha e Shankaracharya, lembrando que as fontes teosóficas estabelecem a morte de Buddha em 545 a.c. e que Shankaracharya teria nascido pouco tempo depois, em 510 a.c.:¹¹

¹⁰ N.T: Reigle se utiliza das Cartas dos Mahatmas para A.P. Sinnett e de artigos de Blavatsky, publicados em *Collected Writings* para fundamentar a sua argumentação e fornecer evidências da indiscutível importância de Tsongkhapa para o budismo tibetano idôneo. Para mais detalhes sobre as referências utilizadas, ver a seção de notas do artigo em inglês (*Theosophy in Tibet: The Teachings of the Jonangpa School*), disponível em: <http://easterntertradition.org/>

¹¹ Para as datas, ver: G.R.S Mead, *Five Years of Theosophy*, London: Theosophical Publishing House, 1894, pp. 195, 236. Para consultar a fonte da citação, ver: A Brahmin F.T.S., *Some Thoughts on the Gita*,

O movimento do Senhor Buddha deve ter causado uma enorme confusão nesta terra como vocês podem imaginar e o grande filósofo que tomou para si a tarefa de reestabelecer a ordem é Shankaracharya. Ele preservou a essência do que o Senhor Buddha tinha dito e falou conforme era adequado para as pessoas daquele tempo. Por exemplo, ele substituiu o vazio budista [*shunyatā*] pelo Parabrahman vedantino. . . . o objetivo de nosso grande reformador não foi o de ensinar nenhuma ciência esotérica num país que não tinha a ousadia de lidar com a verdade que o Senhor Buddha ensinou e que, conseqüentemente, caiu em confusão. Ele, portanto, não estabeleceu os ensinamentos numa forma purânica para traçar as operações da lei cósmica que trouxeram essa maravilhosa variação à manifestação a partir da não-manifestação. Que o mundo é uma ilusão e Parabrahman somente é real é uma boa capa sob qual se pode tomar abrigo em circunstâncias que exijam o esclarecimento de uma revelação da verdade esotérica Notem aqui meus amigos, como o grande filósofo evitou expor publicamente verdades esotéricas, o que, por si só, serve como um poder unificador na reconciliação de contradições aparentes nos escritos antigos. O Instrutor queria apenas imprimir nas mentes dos discípulos que o universo é um em sua essência e aparentemente muitos em sua manifestação. Isso teve certo efeito danoso sobre as mentes dos discípulos, pelo menos, em como se encontram atualmente. A grande maioria dos estudantes vedantinos aprendem de seu estudo apenas o trivial “Parabrahman verdade, tudo ilusório.” Não adentrarei numa declamação floreada contra nossos pobres vedantinos, mas direi algumas coisas para o seu benefício e orientação no estudo do *Bhagavad Gītā* do ponto de vista dos antigos yājñikas. Para esses filósofos, a Natureza não é uma ilusão, mas o campo eterno da evolução, de uma existência una e infinita que permeia cada ponto do espaço infinito, ou, tomando a posição de coração de tudo, tenta obter uma consciência mais e mais vívida de seus próprios processos ideais de vida. Este coração do universo, existindo em tudo, é chamado por eles de o eterno yajña-purusha ou de purusha que sustenta todas as manifestações cósmicas.

Tsongkhapa em sua experiência mais elevada de iluminação teria alcançado o insight completo acerca dos mecanismos dos doze elos da originação dependente e teria visto os efeitos futuros dos ensinamentos que pudesse expor. Pois a iluminação budista é, como descrito por H. P. Blavatsky em *A Doutrina Secreta*:

. . . a conquista da suprema perfeição que leva o Iniciado a se lembrar de toda a série de vidas anteriores e a prever as suas vidas futuras, por meio do pleno desenvolvimento daquele olho interno e divino dentro de si, e a adquirir o conhecimento que revela as causas (os doze Nidānas chamados em Tibetano de Ten-brel Chu-gnyi, que se baseiam nas “Quatro Verdades”) dos ciclos da existência sempre recorrentes. . .

Portanto, Tsongkhapa pode ter optado por conceder ensinamentos públicos que os seus insights lhe mostrassem como os mais eficientes para responder às necessidades espirituais de suas futuras audiências, mantendo, ao mesmo tempo, os ensinamentos esotéricos longe da vista pública. Os seus ensinamentos públicos transformaram radicalmente o budismo tibetano, sendo prontamente comparados à Revolução de Copérnico, quando europeus descobriram que a terra gira em torno do sol e não o contrário. A sua visão acerca dos ensinamentos esotéricos foi relatada por um correspondente tibetano de H. P. Blavatsky:¹²

Nosso universalmente honrado, Tsongkhapa, ao final de sua quinta Dam-ngag, nos lembra que

1983, pp.100-103.

¹² In: *Tibetan Teachings*, H.P. Blavatsky's Collected Writings, vol. VI, Wheaton: Theosophical Publishing House, 1985, pp.99-100

“toda verdade sagrada, quando incompreensível em sua verdadeira luz ao ignorante, deve ser escondida numa câmara tripla, ocultando-se assim como a tartaruga esconde a sua cabeça dentro de seu casco; deve mostrar sua face apenas para aqueles que estão desejosos de alcançar o estado de Anuttara Samyak Sambodhi”—o mais compassivo coração iluminado.

Temos outra situação análoga em nosso tempo com Helena P. Blavatsky, 1831-1891, fundadora da Sociedade Teosófica e Jiddu Krishnamurti, 1895-1986, que deixou a Sociedade Teosófica em 1929 e passou o restante de sua vida ensinando que as pessoas não deveriam confiar na autoridade. Para os teosofistas, ele não negou os ensinamentos teosóficos, apenas repudiou a Sociedade Teosófica e as crenças asseveradas por teosofistas sobre a autoridade, como conducente à verdade. Ele ensinava que ninguém poderia chegar à verdade por meio de organização ou crença alguma. Para alguns seguidores atuais dos ensinamentos de Krishnamurti, no entanto, ele também refutou os ensinamentos teosóficos, tais como o de um princípio imutável, onipresente e eterno que transcende o poder da concepção humana; assim como para os Gelugpas, Tsongkhapa refutou o ensinamento Jonangpa de um dhātu permanente, estável, quiescente e eterno ou *Tathāgatagarbha* ou *Dharmakāya*, vazio de tudo exceto a si próprio (*gzhan stong*) e que transcende até as conceituações mais sutis.

[Texto traduzido por Bruno Carlucci com permissão do autor para publicação na seção em português da página do Eastern Tradition Research Institute (easterntertradition.org). Para consulta da bibliografia utilizada por David Reigle em sua pesquisa, referir-se ao texto em inglês publicado na mesma página].